REVISTAS DO PORTO – «SOL NASCENTE»

Por ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

1. OS GRUPOS JUVENIS NA ORIGEM DA REVISTA

Não foi por acaso que a revista «Sol Nascente» surgiu como projecto de três antigos alunos do liceu de Rodrigues de Freitas, no Porto: Carlos Espain, Carlos Barroso e Manuel de Azevedo. Como a lei exigia um responsável pela publicação que fosse maior de vinte e um anos, logo recorreram a um condiscípulo mais velho, que passou a ser, até ao último número, o Editor e Proprietário – Dilermando Marinho.

No artigo «O Drama de Leonardo Coimbra», publicado no número 18 deste suplemento, de 7 de Outubro último, descrevemos o ambiente do Liceu de Rodrigues de Freitas, sob a influência do Professor de Filosofia Leonardo Coimbra, e a existência dum grupo consciente e activo na resistência à penetração do salazarismo no meio académico, com o apoio dum notável grupo de professores.

Dos alunos que Leonardo despertou para a cultura, alguns evoluíram num sentido oposto à tendência mística do filósofo e afastaram-se mesmo dele, por uma precipitada e falsa interpretação da actuação do pensador no último ano da sua vida, que tomaram como adesão ao Estado Novo, o que a conversão religiosa, segundo eles, contribuiria para confirmar e a morte desastrosa deixou por esclarecer. Inclinaram-se para a influência de outro mentor de formação ideológica oposta – o pensador Abel Salazar.

O sábio e irreverente Mestre de Histologia tinha já aglutinado à sua volta um grupo interessado, de que faziam parte Almerindo Lessa e Adelaide Estrada (seus assistentes na Faculdade), Jorge Santos (que usava o pseudónimo Luís San-Justo) e Carlos Sousa, estudantes de Medicina, e José de Castro (que usava o pseudónimo de André Valmar), Afonso de Castro Senda, João Alberto e Lobão Vital, este último antigo aluno do liceu de Rodrigues de Freitas.

Abel Salazar e este seu grupo colaboraram, em 1936, na revista «Pensamento», durante alguns números do 7.º ano da publicação, quando a censura já a obrigara a mudar o subtítulo de «Órgão do Instituto de Cultura Socialista», como fora fundada, para «Revista Mensal de Divulgação Social e Científica, Arte e Literatura».

Ao núcleo inicial dos quatro antigos alunos do liceu Rodrigues de Freitas, enriquecido com um valioso elemento que veio a ocupar posição primacial na revista, Jose Soares Lopes, juntou-se o grupo de Abel Salazar, sem o seu assistente Almerindo Lessa.

José Soares Lopes era um empregado comercial, autodidacta de mérito indiscutível, e o colaborador mais activo dos elementos da direcção, para que também entrou com Lobão Vital e Afonso de Castro Senda, sendo este último o secretário da redacção.

O «Sol Nascente» principiou a publicar-se, no Porto, em 30 de Janeiro de 1937.

Dos fundadores, o nome de Carlos Espain não surge na publicação, porque está então nas malhas da polícia Política. E nem sequer, quando dela se liberta, vem mencionado no grupo redactorial, publicado no número 5 da revista. O estudante de Matemática é o único que, apesar de tudo, se mantém fiel à admiração pelo mestre de Filosofia Leonardo. Continua, porém, a colaborar no corpo redactorial.

O editorial da revista foi escrito por Soares Lopes e define a orientação, «em serena visão crítica». Busca-se «elevar o nível cultural português». E cita-se Eça, ao determinar a finalidade da cultura como a compreensão da humanidade. Merece atenção este respeito pelo pensamento de Eça de Queirós, bem como a valorização da serenidade, do autodomínio e do espírito de tolerância e de mútuo respeito (princípios básicos da democracia) que o Sol Nascente se propõe adoptar. «Esta afirmação de serenidade e de concórdia deve ser interpretada como um apelo à união das correntes de oposição ao regime, expressa na revista.

Se a tendência, por juvenil, seria para posições extremistas, havia alguns, raros, colaboradores oriundos da primeira República. Os independentes estavam representados por Dilermando Marinho na direcção e por João Alberto e Paulo Pombo no grupo editor. Soares Lopes e Carlos Espain tinham uma nítida formação anarquista. Contudo, a maioria, dos elementos, neste período inicial, tinha uma posição marxista bem determinada. Já o título da revista era bem significativo e a censura estava atenta.

No número 5 da revista «Sol Nascente», houve uma mudança nos corpos directivo e redactorial, que marcou um segundo período da publicação, o mais fecundo e característico.

Desapareceu do cabeçalho o nome de Lobão Vital e da lista de redactores o de Virgínia Moura. Este casal ficou célebre na oposição portuguesa. Durante muitos anos, constituiu uma bandeira corajosamente agitada em todas as manifestações. Orlando Braga, estudante de Farmácia, também marxista, saiu do elenco da redacção.

Em contrapartida, entrou um elemento que mais tarde teria relevo na orientação da revista: o ficcionista Afonso Ribeiro.

Mas o naipe anarquista ficaria em maioria, reforçado no sector redactorial com António Cândido Barbosa, Luís Laranjeira e Rafael Silva. Sendo este último tipógrafo do «Janeiro», o «Sol Nascente», que nos quatro primeiros números era impresso na Tipografia Civilização, passou a ser impresso nas oficinas de «O Primeiro de Janeiro».

2. A ÉPOCA EM QUE SE PUBLICOU O «SOL NASCENTE»

Este «Quinzenário de Ciência, Arte e Crítica» publicou-se numa época dramática da História, isto é, alguns meses depois do início da Guerra Civil de Espanha, em pleno expansionismo nazi-fascista, num período de exaltação nacionalista, de cruzada anticomunista (com a Mocidade e a Legião Portuguesa) e de auxílio ao franquismo.

O carácter estritamente cultural e literário da revista era obrigatoriamente feito cumprir pela Censura, sempre atenta e pronta a cortar. Assim, acontecimentos como a Invasão da Abissínia, a Grande Marcha, a Guerra Sino-Japonesa, passaram sem comentários, às vezes só com uma velada referência. É verdade que também as depurações de Estaline, que, nesse ano de 37, se voltavam para o exército, passaram em silêncio.

Por outro lado, os regimes democráticos iam caindo em progressiva fraqueza, que os levaria à humilhação de Munich e, inevitavelmente, à Segunda Guerra Mundial.

A actividade cultural portuguesa tinha nesta época um carácter predominantemente antifascista.

Quando saiu o «Sol Nascente», a «Seara Nova» ocupava lugar de destaque desde 1922, representando o sector da esquerda democrática. Tanto o «Pensamento», a que já nos referimos, de origem socialista, como o «Sol Nascente», se fundaram no Porto.

O «Diabo» era o jornal para quem mais se voltavam as simpatias dos rapazes do «Sol Nascente». Quando se começou a publicar esta revista, aquele jornal, era dirigido pela prestigiosa figura de Rodrigues Lapa. Depois passou a dirigi-lo o turbulento Joaquim Madureira (Braz Burity) mas, pela grande amizade deste com Abel Salazar, manteve-se a solidariedade.

Dispersos pela província havia nesta altura uns jornais como o «Trabalho», de Viseu, a «Voz da Justiça», da Figueira da Foz, etc., em que Abel Salazar também colaborava profusamente e que iam escapando um pouco mais aos rigorosos censores.

Em Coimbra publicava-se a famosíssima revista independente, «Presença».

Em contrapartida, o jornalista António Ferro, esforçado na «Política do Espírito» e dispondo de todos os recursos, não conseguiu nenhum suporte intelectual sólido para o Estado Novo.

3. ABEL SALAZAR, MENTOR DO SOL NASCENTE

Afastado compulsivamente da cátedra de Histologia, Salazar ocupava o tempo numa extraordinária actividade.

Além de uma copiosa produção artística, sob variadas formas, enchia febrilmente muitas páginas de numerosas publicações periódicas.

O «Sol Nascente» torna-se, porém, a sua revista.

Embora sem imposições, orientava a publicação através do seu grupo juvenil, mas sobretudo por intermédio de J. Soares Lopes, a quem estimava particularmente e com quem mantinha larga correspondência de íntima camaradagem. Confessava-lhe a intenção de fazer do «Sol Nascente» um órgão de combate, com gente nova empenhada numa revolução cultural, que o momento histórico impunha, advertindo porém que se deveria «evitar um revolucionarismo estereotipado».

Abel Salazar pretendeu estimular o ambiente intelectual do Porto, não só com a revista, cuja influência deveria competir com a do jornal «O Diabo», publicado em Lisboa, mas, também, criando uma biblioteca para os jovens estudiosos, congregados à volta da revista, que servisse de ponto de encontro, centro de discussão e influência, procurando oportunidades para a revelação, de novos valores. Este projecto não chegou a realizar-se.

Pretendia também assumir um papel conciliador para obter a união dos colaboradores, indispensável à sobrevivência da revista, e manifestava o desejo de que ela se não afastasse da orientação que o núcleo inicial lhe dera e a que ele aderira com tanto entusiasmo.

Mas Abel Salazar, pela sua grande categoria intelectual, era não só o mentor do grupo do «Sol Nascente» mas também o seu mais operoso colaborador. Não há um número da revista sem um artigo seu com os temas predilectos e um longo trabalho – «A Crise Europeia» – que se prolongou por muitos números, depois reunido em volume.

Mas Abel Salazar redigia duas secções de grande interesse: «Revista das Ideias», que merecia uma atenção especial da Censura, denunciada por numerosos cortes, e «Movimentos Científicos».

J. Soares Lopes é dos nomes já citados o de mais larga e significativa colaboração.

Elementos do grupo redactorial encarregavam-se duma secção de comentários variados, onde afloravam referências a acontecimentos. Há secções de crítica, música, arte (João Alberto), cinema (Manuel de Azevedo).

Na capa de cada número havia uma reprodução de uma obra de um artista plástico. Encarregava-se da selecção Domingos Alvarez que, além de trabalhos seus, deu a conhecer obras de Augusto Tavares, Joaquim Lopes, Camarinha, Dórdio Gomes, Magalhães Filho, Abel Salazar e muitos outros.

Foi no «Sol Nascente», logo no primeiro número, que Abel Salazar publicou um artigo com alguns conceitos fundamentais e significativos do seu pensamento: «Confissão de Fé».

Na nossa juventude, este artigo impressionou-nos profundamente e teve mesmo o significado duma revelação.

Foi ele que nos aproximou da figura poderosa e polifacetada (homem de ciência, artista, ensaísta, divulgador, cronista e crítico) e nos levou a conhecê-lo.

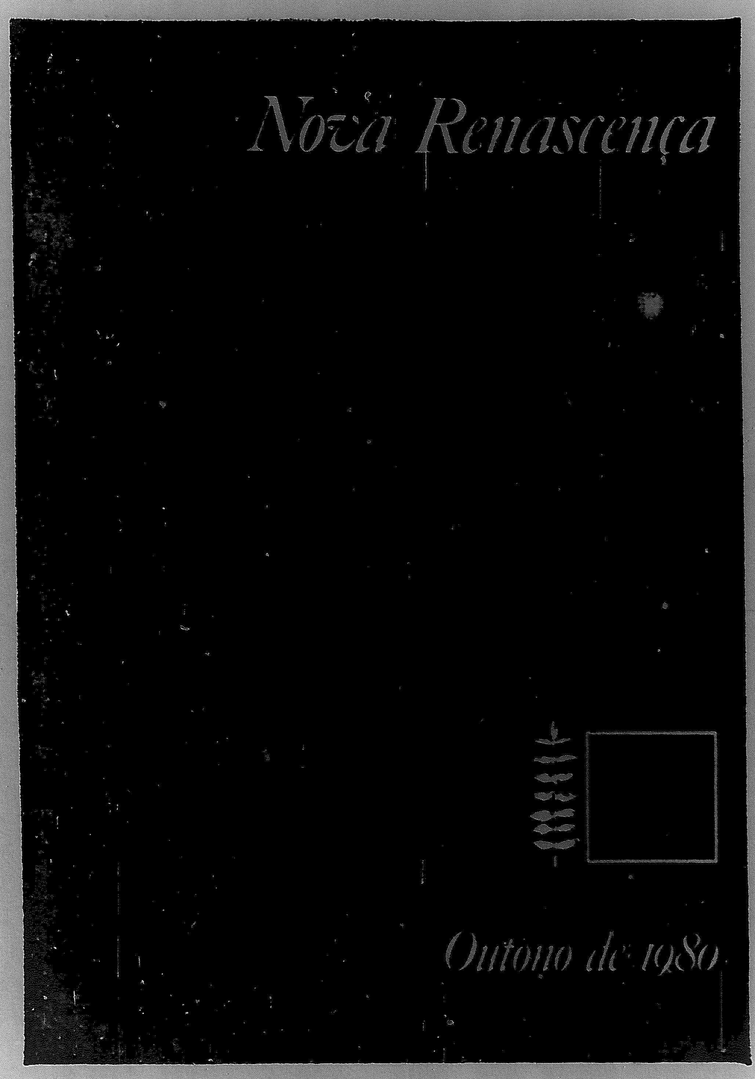
A insatisfação com a Fé foi uma consequência fatal do tempo, mas ficou sempre certa influência da posição mental do pensador e, quarenta e três anos depois, parece-nos que vale a pena recordar algumas passagens desse vigoroso artigo:

«A finalidade da Vida não é outra senão o acto de viver: para o homem e para a humanidade. Por grande que seja o interesse do artista na sua obra já realizada, este interesse nada é ante a intensidade polarizante do acto que a gerou. É isto que apaixona o artista, que o faz viver, sofrendo, exaltando, gerando a sua obra na volúpia da dor, na euforia ou no desespero. Gerada a obra, a obra está morta; perdeu o interesse vital...»

«O que sucede com a obra de arte e com o artista sucede com a vida e com o homem, e com a história. Esta vida, pessoal ou colectiva, todo o viver histórico da humanidade não tem outra razão de ser fora do próprio *acto* de viver, de gerar, de criar, de sofrer e de amar criando, na caleidoscopia dos sentimentos profundos que acompanham o *acto de viver*. Literatura, arte, poesia, ciência, moral, religião; impérios, conquistas, aventuras, descobertas; todo o homem, toda a história, tem apenas como razão de ser o *acto de viver*».

CONTINUA

UMA REVISTA QUE APARECE



SUMÁRIO

Renascer
Agostinho da Silva: Mensagem
Sant'Anna Dionísio: Instantes de Mística Catálise e de Sibilina Profecia
António Salgado Júnior: Memória duma Inscrição na «Renascença Portuguesa»
Jorge de Sena: A Literatura Portuguesa como Sermão da Quaresma (inédito)
Teixeira de Pascoaes: O Anjo e a Bruxa (capítulo de romance inédito)
José Augusto Seabra: Camões, Pascoaes, Pessoa — ou o Mito Poético da «Nova Renascença»
Dalila Pereira da Costa: Três Ensaios sobre *Marânus*
Dora Ferreira da Silva: Apolodoro ou da Liberdade
Fernando Echevarría: Apogeu de Fruta e Morte
Albano Martins: Dez Poemas
Júlio Resende: A Arte e o Destino do Homem
Jacinto de Magalhães: Reflexos Sociais da Investigação em Biologia
Norma Backes Tasca: Radiografia: O Fantasma do Indivisível
Nelson de Araújo: A Percepção da Realidade Africana do Brasil
Salvato Trigo: Situação das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
João de Araújo Correia: Em Casa do Escritor
Manifesto por uma «Nova Renascença»
Agradecimentos
Bibliografia